



Research Paper

## O Processo De Escolha Do Curso De Psicologia E A Adaptação Ao Ensino Superior

Vanessa Tiemi Duarte Raffo<sup>1</sup>  
Amarilis Cavalcanti da Rocha<sup>2</sup>  
Diego da Silva<sup>3</sup>

**RESUMO:** Esta pesquisa tem o intuito de apresentar o processo de adaptação dos alunos de Psicologia ao ensino superior a partir da conscientização e da construção da identidade profissional, observando se o processo de escolha tem ligação direta com a adaptação na graduação. Objetivo: Identificar como se dá o processo de adaptação do aluno ao ensino superior a partir da conscientização e construção da identidade profissional; fundamentar teoricamente o conceito da adaptação ao ensino superior, a identidade profissional, o processo de escolha profissional a partir da teoria dos papéis e a matriz de identidade do Psicodrama; descrever as mudanças e as expectativas que pode ocorrer na transição ao ensino superior; analisar o processo de escolha e a adaptação ao ensino superior e explorar a percepção dos participantes quanto ao tema proposto. Método: Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, pois adota métodos que visam obter opiniões, significados e percepções obtidas com os sujeitos pesquisados em seus contextos de vivência; sendo classificada como exploratório e descritivo, já que teve como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, tornando-o mais explícito e não tem uma hipótese definida; delineado como levantamento de campo. A coleta de dados ocorreu através de entrevistas individuais e análise de conteúdo que estimularam a compreensão, visando obtenção de opiniões, percepções e significados que foram obtidos com sujeitos em seus contextos de vivência. Conclusão: Quando o aluno percebe suas maturações desenvolve sua identidade profissional de forma clara e objetiva, consegue discernir “o que quero SER, o que quero TER e o NÃO QUERER”, isso faz com que o seu papel de discente no processo de adaptação ao Ensino Superior seja mais autônomo, conseguindo o ajustamento às novas exigências. A partir disso o próprio docente conseguirá trabalhar de forma mais produtiva com estes alunos.

**PALAVRAS-CHAVES:** Identidade profissional, Ensino superior, Ajustamento do estudante

Received 24 July, 2021; Revised: 07 August, 2021; Accepted 09 August, 2021 © The author(s) 2021.

Published with open access at [www.questjournals.org](http://www.questjournals.org)

### I. INTRODUÇÃO

Durante a vida acadêmica é possível perceber que muitos alunos não sabem os motivos reais de suas escolhas profissionais, tendo como consequência uma difícil adaptação ao ensino superior. A partir disso foi possível indagar como ocorre o processo de adaptação dos alunos de psicologia ao ensino superior a partir da conscientização e da construção da identidade profissional?

O adolescente passa por transições que ocasionam grandes mudanças no seu desenvolvimento. O ensino superior propõe desafios diferentes do ensino médio e com isso o jovem se depara com uma série de escolhas que irão definir seu futuro (ALMEIDA, 2007; ALMEIDA, PINHO, 2008; BRUSAMARELLO, 2008; ALMEIDA 2011, 2012; AZEVEDO, 2014).

<sup>1</sup>Psicóloga graduada pelas Faculdades Pequeno Príncipe. Possui Residência Multiprofissional Integrada em Atenção Hospitalar do Complexo Hospital de Clínicas da UFPR, Curitiba, Paraná, Brasil. Email: [vanessatduarte@gmail.com](mailto:vanessatduarte@gmail.com)

<sup>2</sup>Psicóloga, mestre. Docente do curso de Psicologia das Faculdades Pequeno Príncipe Curitiba, Paraná, Brasil.

<sup>3</sup>Psicólogo, mestre em Medicina Interna e ciências da Saúde pela UFPR. Docente do curso de Psicologia da UniEnsino, Curitiba, Paraná, Brasil.

A transição e a adaptação ao ensino superior exigem empenho e esforço do aluno. Ele passará adesempenhartividades que serão fundamentais para formação de sua personalidade, pois existirão novos desafios, novos papéis, contextos, rotinas e principalmente, responsabilidades (BOHOSLAVSKY, 1998; CUNHA, CARRILHO, 2005; BERNARDO, 2006; FREITAS, RAPOSO, ALMEIDA, 2007; TAVARES, 2012; BRUM, 2013).

Muitos indivíduos têm expectativas positivas acerca da experiência que irão vivenciar, porém grande parte não imagina a flexibilidade e a determinação que terão de ter para que haja um ajustamento às novas exigências (MORETTO, 2002, 2004; FILIZATTI, 2003; COSTA, 2008; LOURENÇO, 2007; FRANCO, 2008; TAVARES, 2012).

Um dos fatores mais significativos na adaptação dos estudantes de primeiro ano da graduação são as mudanças pedagógicas, pois no ensino médio a relação professor/aluno acontece de forma mais efetiva, assim como entre os colegas. No ensino superior há uma nova forma de construção de conhecimento, menos passivo, além de existir uma grande quantidade de conteúdo, utilização de linguagens mais técnicas e exige do aluno mais compreensão e menos memorização (FREITAS, RAPOSO e ALMEIDA, 2007; SOUZA, 2007; OLIVEIRA, 2011; SOARES, 2011; SANTOS, 2013; SILVA, 2015).

Freitas, Raposo e Almeida (2007) e Teixeira (2007) acreditam que o ensino superior tem grande importância no desenvolvimento de capacidades e competências para lidar com questões de identidade e personalidade. Ao se deparar com esta nova situação, o aluno irá trabalhar com a conscientização e com a construção da identidade profissional e, segundo Schoen (2003, 2011), Shaffer (2012), a principal barreira enfrentada na adolescência é o estabelecimento da identidade, pois essa formação envolve muitas escolhas importantes.

Diante Disso, o presente artigo tem por objetivo identificar como se dá o processo de adaptação do aluno ao ensino superior a partir da conscientização e construção da identidade profissional.

## **II. MÉTODO**

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, pois adota métodos que visam obter opiniões, significados e percepções obtidas com os sujeitos pesquisados em seus contextos de vivência; sendo classificada como exploratório e descritivo, já que teve como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, tornando-o mais explícito e não tem uma hipótese definida; delineado como levantamento de campo. A coleta de dados ocorreu através de entrevistas individuais e análise de conteúdo que estimularam a compreensão, visando obtenção de opiniões, percepções e significados que foram obtidos com sujeitos em seus contextos de vivência (FONSECA, 2007).

Os participantes da pesquisa foram 12 discentes do segundo período da graduação de Psicologia de uma Faculdade privada de Curitiba-PR, entre 17 e 22 anos, ambos os sexos. Não puderam participar da pesquisa, menores de 16 anos e maiores de 23 anos. O critério de escolha foi buscar equivalência de gênero.

As entrevistas foram realizadas em uma sala reservada fornecida pela Faculdade, onde se prezou pelo anonimato e integridade dos entrevistados, está sala está situada nas dependências da Faculdades, na cidade de Curitiba, no período noite.

Riscos como, quebra de anonimato, situações constrangedoras, entre outras situações que pudessem ocorrer, poderiam ser minimizadas através da devida retirada do TCLE e das ferramentas de coleta de dados além do atendimento da Clínica Escola da Instituição caso fosse necessário.

Inicialmente foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), após devidamente preenchimento foi realizado a coleta de dados, que ocorreu inspirado nas sessões do psicodrama, que são o aquecimento (começo) momento preparatório, dramatização (núcleo) etapa onde o objetivo é especialmente abordado e o compartilhamento (final), fase onde requer certo esfriamento das emoções que foram promovidas na dramatização. Na pesquisa foi iniciado o aquecimento, fase cujo indivíduo foi estimulado a trabalhar a criatividade, a espontaneidade e desenvolver da coesão; ela foi realizada tomando por base os papéis sociais do diagrama de papéis de Moreno (1978). Sua aplicação foi concretizada individualmente e o participante apontou os cinco papéis sociais mais atuantes nos últimos tempos, sendo classificado como muito atuante, parcialmente atuante e pouco atuante. Após o preenchimento cada participante explicou os papéis apontados. Em seguida foi aplicado a entrevista bipessoal, ou seja, se deu individualmente, tendo como escolha técnica a entrevista semiestruturada gravada. Finalizando com o compartilhamento, cujo intuito era transmitir e dividir as reflexões e as compreensões adquiridas durante a entrevista.

A compilação e a análise dos dados foram realizadas através de planilhas, tabelas e figuras utilizando a ferramenta Excel, relacionando e comparando os dados com as teorias dos autores relacionados ao tema e a análise dos dados através dos conceitos da análise de conteúdo de Bardin (2011) que utiliza três etapas, sendo a pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados obtidos e interpretação.

A pesquisa com número CAAE 45245215.6.0000.5580, comprovante 044572/2015 seguiu a resolução 466/2012, considerando o respeito pela dignidade humana, estas informações são esclarecidas a partir das

normas de ética em Pesquisa no Brasil “Pesquisas envolvendo seres humanos devem ser submetidas à apreciação do Sistema CEP/CONEP, que, ao analisar e decidir se torna corresponsável por garantir a proteção dos participantes.” (BRASIL, Resolução 466/2012, VII)

A pesquisa com seres humanos é aquela que “individual ou coletivamente, tenha como participante o ser humano, em sua totalidade ou partes dele, e o envolva de forma direta ou indireta, incluindo o manejo de seus dados, informações ou materiais biológicos.” (BRASIL, Resolução 466/2012, II). Ao participante foi garantido durante toda pesquisa, livre acesso a todas as informações, esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências.

### III. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Finalizado o agrupamento da totalidade de informações, iniciou-se o processo de compreensão dos relatos dos sujeitos. Seguiram-se os passos de análise de conteúdo de Bardin (2011) através da análise temática.

Dos doze discentes entrevistados, seis eram do sexo masculino e seis do sexo feminino. Destes seis participantes do sexo masculino apenas três não puderam participar da pesquisa, pois não se enquadravam nos critérios estabelecidos. A idade variou de dezoito a vinte e dois anos e todos os sujeitos cursam o segundo período do curso de Psicologia de uma Faculdade privada de Curitiba-PR. Quanto aos participantes da pesquisa, um reside sozinho, um com os sogros e namorado e os demais com seus pais e irmãos. As profissões dos integrantes dos núcleos familiares foram diversos, desde o ensino fundamental até o ensino superior e quanto ao curso de Psicologia, em seis casos foi apontado como primeira opção de curso e três como segundo ou terceira opção.

**Tabela 1** -Características dos participantes do estudo.

Código	Sexo	Idade	Mora com os pais	O curso de Psicologia foi a 1ª opção
D1	F	19	Sim	Sim
D2	F	18	Sim	Não
D3	F	18	Sim	Não
D4	F	19	Sim	Sim
D5	F	20	Não	Sim
D6	M	22	Não	Não
D7	F	18	Sim	Sim
D8	M	21	Sim	Sim
D9	M	22	Sim	Sim

Fonte:Os autores (2021)

A análise do conteúdo temática ocorreu em três etapas propostas por Bardin (2011), sendo a primeira etapa denominada Pré-análise, constitui a identificação como uma fase de organização; assim foram reunidas todas as informações com leituras atentas dos discursos. Na segunda etapa, são escolhidas as unidades de codificação, ou seja, na exploração do material são categorizadas as informações reunidas em unidades de contexto e unidades de significação. E a terceira etapa é o processo de análise do conteúdo, sendo denominado tratamento dos resultados – inferência e interpretação.

Em todo processo de construção de categoria, procurou-se preservar na íntegra o depoimento dos entrevistados que serão seguidos por siglas D1, D2, D3, D4, D5, D6, D7, D8 e D9, tendo abaixo, a tabela que retrata a análise do conteúdo obtido:

**Tabela 2** - Análise de conteúdo

Unidade de contexto	Unidades de significação
Categoria 1 Processo de escolha	1.Critérios e informações que contribuíram para sua escolha profissional; 2.A clareza da escolha como fator diferencial em sua postura de aluno; 3.O entendimento quanto a obrigatoriedade em iniciar o Ensino Superior.
Categoria 2 Influência parental e social	1.Papel da família na decisão profissional; 2.Os fatores sociais atribuídos na decisão profissional.
Categoria 3 Processo de adaptação e papel profissional	1.Expectativa para entrada ao ensino superior; 2.Os aspectos dificultadores da experiência acadêmica; 3.Postura estabelecida frente as adversidades; 4.Percepção do papel de aluno e expectativa profissional.

Fonte: Os autores (2021)

Na Unidade de Contexto Processo de escolha, os discursos revelam a percepção dos critérios e informações que contribuíram para escolha do curso de Psicologia, a clareza da escolha como um fator diferencial para sua postura como aluno e o seu entendimento quanto à obrigatoriedade de finalizar o ensino médio e iniciar o ensino superior. Para Souza e Souza (2012) o processo de escolha é permeado por diferentes elementos que se concentram em pólos internos e externos.

Diante da complexidade muitas vezes o indivíduo concentra sua atenção na preparação do exame do vestibular, correndo o risco de não priorizar a escolha profissional e isso parece em muitos casos uma decisão simples, baseada em uma análise superficial de preferências, informações incompletas sobre a profissão e principalmente o desejo da ascensão social (GONZAGA, 2011).

O depoimento aponta o explicitado:

“Nunca tive aquela fase, ah Meu Deus o que vou fazer da vida, eu só sabia que eu tinha que conseguir uma bolsa em alguma faculdade e era esse meu maior obstáculo, não era escolher, eu falo que eu não tive muita opção a Psicologia me escolheu pronto acabou” (D5).

Segundo Gonzaga (2011) é preciso entender que a escolha deve ser realizada a partir do autoconhecimento, como habilidades, características de personalidade, no conhecimento da profissão e na elaboração do projeto de vida. Para Gomes *et. al.* (2010) uma boa escolha deve conter três elementos: quem é o indivíduo, o que é o mercado de trabalho e a vida acadêmica. Quando não há esta reflexão existem chances de evasão e dificuldades em algumas disciplinas.

Em alguns depoimentos mesmo que se confirmem certo grau de entendimento quanto à escolha, nem todos demonstram clareza, “na verdade a Psicologia foi meio, que uma paixão. Porque eu não tinha ideia do que fazer” (D4); “Eu acho que sempre gostei muito de ler sobre mente e pessoas assim” (D7); “eu sempre gostei de lidar e escutar as pessoas, tentar entender o problema dela e tentar de alguma forma resolver” (D9).

“Sempre gostei de estudar relações, sempre gostei de procurar o porquê daquilo, né? Por que tem um comportamento com uma pessoa e não tem com a outra? Dai eu, as minhas comunicações e relações me levaram um pouco a estudar mais isso” (D1).

“Eu acho por eu me identificar mais pela área de humanas, tenho dificuldade com química, física, matemática então eu sabia que iria sofrer em medicina veterinária. E também pela minha facilidade em ouvir as pessoas e tentar entender, eu achei que iria conseguir trabalhar com isso e amar” (D2).

“Então eu pensei que eu gostava mais do que eu tava sentindo e não da própria escrita da poesia. Então eu pensei, pow! Eu acho que Psicologia para estudar o que eu gosto, o que eu to sentindo, os meus sentimentos tal, acho que é uma boa faculdade, tal” (D6).

A experiência com a prática pode ser muitas vezes importante no momento da decisão, pois caracteriza-se como possibilidade de estabelecer vínculos entre o aprendizado teórico-metodológico e a atuação profissional, contribuindo de forma significativa para o desenvolvimento de uma identidade profissional (SOUZA, SOUZA, 2012). Através de uma escolha ajustada o adolescente consegue unir seus desejos e as oportunidades que virão, gerando assim satisfação pessoal (RODRIGUES, BORMIO, 2008).

O depoimento confirma a teoria acima citada:

“Demorei para me identificar em uma área, pois eu achava muitas delas interessantes (...) esperei 3 anos. Seria bom se a gente tivesse tido uma experiência, eu acredito que a forma de se encontrar a faculdade é trabalhando mesmo, ela te mostramos muitas vezes caminhos que você não quer seguir. (...) eu tive que fazer um processo de vivências, para poder encontrar realmente a minha área, eu não decidi simplesmente por paixão ou uma energia inicial que alguém me deu, foi um processo” (D8).

Para Filizatti (2003) escolher uma profissão não é uma tarefa fácil, cada indivíduo tem seu tempo, mas muitas vezes por pressão da sociedade, família e até mesmo amigos, obriga-se a urgência de optar por uma escolha, tornando este processo torturante.

As pressões iniciam-se cedo para os jovens, para que ele decida o seu rumo na vida, no que diz respeito ao estudo e à profissão (GONZAGA, 2011).

A análise das relações entre o ensino médio e a educação superior é constituída através de muitos desafios. Cada vez mais cedo os jovens estão expostos a um mundo de competições, especialmente através das escolhas. Os valores do mundo adulto são projetados tanto nos lares quanto nos meios de comunicação e nas escolas (SILVA JUNIOR, LUCENA, FERREIRA, 2011).

O acesso ao ensino superior é uma ambição generalizada das classes médias, tendendo a ser universalizada. Muitas vezes as pessoas tendem a pensar que pessoas que não tiverem qualificações dificilmente terão oportunidades no mercado de trabalho, com isso correm para as Universidades. Este pensamento até faria sentido, pois há influência da expansão do ensino superior, porém a vida real é muito diferente, já que as profissões de nível superior não cresceram o suficiente, assim é importante que o jovem comece a ter contato com as realidades de trabalho (WOLF, 2002).

Para Junqueira (2010) a primeira situação educacional formal atrelada à tomada de decisão ocorre na adolescência, etapa da vida marcada por intensas mudanças na identidade dos indivíduos. Exige-se do jovem uma significação quanto à profissão escolhida, porém nem sempre ele terá a maturidade necessária para realizar uma escolha satisfatória.

Os depoimentos confirmam as teorias quando argumentam “eu fiz porque eu pensei que eu precisa de uma profissão e eu gostava disso e não vou depender dos meus pais a vida inteira” (D7). “Eu acho que tem gente que não é pro ensino superior. Ou tem gente que é. Varia muito da pessoa. Tem gente que não gosta” (D6); “o ensino superior não quer dizer que você será bem sucedida. Tem pessoas que com um curso técnico, com um curso de capacitação conseguem estar em um patamar que igual que faz ensino superior” (D4); “existem profissões que não precisam de faculdade, eu esperei 1 ano” (D1); “eu acho que é importante, mas tem gente que não precisa” (D2); “eu esperei 2 anos, então foi o momento que eu precisava tirar, assim para mim” (D5).

“Nem todo mundo está preparado. Eu queria e quis começar, mas se eu tivesse esperado um pouco também seria muito bom, porque foi meio que um choque, eu não queria terminar o ensino médio” (D3).

“Não necessariamente, acho assim, se você realmente quer se especializar em alguma coisa, você pode fazer um curso superior. (...) Não foi bom parar e esperar porque eu me cobrei bastante, eu fiquei olhando assim, e pensava cara o que eu to fazendo da minha vida, eu precisava isso agora, é agora ou talvez isso nunca vá acontecer, então eu tive que correr muito” (D9).

Na segunda Unidade de Contexto, denominada Influência parental e social, os discursos trazem repertórios do papel da família na tomada de decisão, as contribuições e fatores sociais atribuídos para este momento. A relação entre pais e filhos durante o processo de escolha profissional é de suma importância, para que o adolescente suporte as adversidades como, por exemplo, a ansiedade que em muitos momentos provoca dúvida (RODRIGUES, BORMIO, 2008).

A escolha profissional determina, de certo modo, o destino de alguns indivíduos, bem como seu estilo de vida, os tipos de pessoas que poderá conviver no ambiente de trabalho e na própria sociedade (NEPOMUCENO, WITTER, 2010). Segundo Neiva (2013) é papel da família, da escola, dos professores e da sociedade de um modo geral trabalhar na facilitação desse processo, porém como ocorrem contribuições de distintas maneiras o jovem muitas vezes incorpora modelos positivos e/ou negativos.

Na ânsia de querer ajudar, os pais muitas vezes podem confundir seus filhos ainda mais. Não sendo apenas as pretensões dos pais que serão passadas aos filhos, mas também a sua maneira de enfrentar o mundo, de interagir com a sociedade, as crenças e receios em relação ao futuro dos filhos (ALMEIDA, PINHO, 2008).

Nos depoimentos dos participantes prevaleceram características familiares de caráter pressionador, havendo discursos claros de posicionamentos opressores e outros indiretos; como Neiva (2013) aponta, nem sempre a pressão é direta, influenciando os jovens de forma inconsciente. “A princípio meu pai falou, por que você está escolhendo psicologia? Queria que eu fosse professora” (D3); “me pressionaram muito para fazer medicina” (D2); “eles dão pitado, tipo assim. Dão palpites. Eles são pressionadores no sentido de que tem que fazer faculdade” (D6); “minha mãe falava eu queria que você fizesse fisio” (D7); “ninguém demonstrou apoio necessariamente pela área de Psicologia. (...) queriam que eu fizesse o ensino superior e queriam que eu fosse bem nele” (D8); “quando eu escolhi psicologia, eles foram meio que contra. (...) Meus pais não tinham dinheiro então foi bem complicado a entrada. A família não ajuda” (D1).

”Eu me sinto também um pouco pressionada, muito pelo fato de não ter meu pai e minha mãe bancando, por eu não ter a possibilidade de falhar (...) É bem pesado. Porque daí eu não carrego só as minhas expectativas, eu carrego as expectativas dos meus pais que ficaram super felizes, que sempre me apoiaram.” (D5).

“Meus pais nunca manifestaram nada contra, nunca falaram vai e faça, mas nunca manifestaram nada contra. Porque eu acho, eu sou de uma família bem simples e meus pais não tiveram a oportunidade de estudar” (D4).

Outra família que contribui negativamente para o processo de identidade e de escolha é a ausente, pois não participa do processo de decisão do adolescente (NEIVA, 2013). O depoimento aponta o explicitado: “Eles não influenciaram muito, não conversei com eles sobre o que eu queria eu simplesmente fiz” (D9).

Não apenas a família, mas os ambientes sociais que as pessoas se fazem presentes contribuem muitas vezes no processo de escolha e de formação de identidade. Alguns relatos das entrevistas comprovam o que a teoria traz positivamente.

A sociedade pode contribuir significativamente neste processo de decisão. Professores, amigos, instituições colaboram no desenvolvimento das potencialidades abrindo um maior leque de possibilidades de escolha. As experiências do indivíduo construídas na família, na escola e em todos os círculos sociais refletirão diretamente em seu processo e formação (GONZAGA, 2011; NEIVA, 2013).

“Minha irmã precisou de um psicólogo, ela teve síndrome do pânico e depressão pós parto, o psicólogo ajudou muito ela e eu também acabei precisando ano passado e foi onde eu tive a certeza” (D7).

“Eu fazia técnico, com uma professora que era formada em Psicologia (...) com outra professora que também era Psicóloga e ela era um doce de pessoa” (D4).

“Numa aula de inglês minha professora estava passando um vídeo sobre violência contra mulher, daí eu virei para a minha amiga e falei, psicólogotrabalha com isso né? Acho que vou ser psicóloga. E daí eu fiz o vestibular” (D3).

“As minhas comunicações e relações me levaram um pouco a estudar mais isso. Trabalhei com um Psicólogo e é isso. Mas desde pequena sempre quis ou ser professora ou psicóloga” (D1).

Na terceira Unidade de Contexto, Processo de adaptação e papel profissional é apresentado como parte primordial da pesquisa, pois contem a expectativa do discente quanto ao ensino superior, os aspectos dificultadores da experiência acadêmica, ou seja, em sua adaptação; a postura estabelecida frente as adversidades, a percepção de seu papel como aluno e a expectativa profissional.

Muitas vezes os alunos chegam ao ensino superior com expectativas que por vezes são equivocadas, podendo gerar uma série de decepções e frustrações (IGUE, BARIANI, MILANESI, 2008; SOARES *et. al.*, 2014). “Era ilusão de que ia ser melhor do que o ensino médio” (D8). “Eu achava que ia ser bem pior. Esta sendo bem louco, mais cansativo. Mudou muito”(D7). “É bem diferente do ensino médio, mas eu esperava um pouco mais, coisas que a gente lê e vê de outras faculdades um pouco maiores” (D9).

“Achava que era um pouco mais do que é. Assim, eu achava que. Não sei. Que eu ia já entrar no primeiro dia e aprender muito mais coisas. (...) Esperava um conto de fadas na faculdade” (D1).

“No baque, na diferença, assim. Terminei o Ensino Médio ano passado, todo mundo falava que era um bicho de 7 cabeças que era muito difícil. E é muito trabalho, muito estudo. Eu acho gente tem essa ilusão criada. É difícil, mas não tanto” (D4).

A adaptação do aluno à educação superior tende a ser orientada a partir de duas vertentes: a acadêmica, ou seja, no campus e a social e as experiências relativas aos relacionamentos interpessoais. Também leva em conta fatores de equilíbrio emocional, indicador da formação da identidade pessoal bem sucedida. A mudança que ocorre em cada indivíduo durante sua permanência no ensino superior ocorre de diferentes formas e se processam nas diversas áreas do desenvolvimento, tanto a nível cognitivo como psicossocial (DINIZ, ALMEIDA, 2006; FREITAS, RAPOSO, ALMEIDA, 2007).

Alguns aspectos e dificuldades podem ser estressantes, pois para alguns está envolvida a saída de sua casa, a distância de seus familiares, a necessidade de estabelecer novas relações, o aumento da responsabilidade e autonomia acadêmica, pessoal e até financeira. Por isso a adaptação à vida acadêmica é caracterizada como um processo complexo, pois é influenciado por fatores pessoais do discente e do contexto do qual está inserido (MOGNON, SANTOS, 2013). “Imaginava que seria difícil, mas não tanto” (D2); “agora eu não tenho mais minha mãe para me levar, onde eu preciso, tenho que me virar sozinha na maioria das vezes” (D2);

Mesmo havendo dificuldades e pontos mais negativos quanto à adaptação, houverelatos que evidenciaram maturidade e preparo para vida acadêmica, mostrando assim, que a graduação representa uma fase de descobertas e buscas positivas (SOUZA, SOUZA, 2012).

“Foi uma surpresa encontrar na sala de aula, eu não tive nenhuma inimizade, nenhuma problema com nenhum aluno, o que eu fiquei muito feliz, e nem com nenhum professor, eu não concordei com todos eles, mas eu consigo entender o motivo de todas as aulas, da metodologia, da pessoa deles nos dando as aulas. Então admito que por mais que eu não tenha gostado de tudo, ainda assim está sendo uma experiência bem positiva” (D8).

O sistema educativo no Brasil apresenta inúmeros problemas e os jovens acadêmicos muitas vezes apresentam déficits em suas habilidades de aprendizagem, de relacionamento interpessoal e dificuldades em suas capacidades adaptativas, impedindo um progresso saudável em seu novo ambiente educativo (FAGUNDES, 2012). A autoaprendizagem e a autorregulação são competências exigidas na educação superior e nem sempre o indivíduo está preparado para esta realidade (FREITAS, RAPOSO, ALMEIDA, 2007); “O ensino que eu tive antes foi muito ruim, não tenho muita base do que eu tive antes para agora” (D9).

“Eu me sinto um pouco perdida, tipo, é, na adolescência eu tive uma grande transformação e eu achei que estava mais estável e agora uma onda gigante, um tsunami em cima de mim de coisas novas, sobre mim mesma, que eu não esperava encontrar” (D5).

“Eu pelo menos sou assim, eu tenho que estudar, começar a estudar várias semanas seguidas, um dia atrás do outro, pegar o ritmo. Se eu parar eu estaciono, até eu pegar no ritmo de novo” (D6).

A partir do momento que o aluno vai se adaptando é desenvolvido e construído seu papel, ou seja, o indivíduo passa por diversos processos que irão refletir nas suas habilidades e capacidades de interação. As identidades estão em movimento dinâmicos para a formação do papel profissional (OLIVEIRA, SILVA, NETO, 2011).

As pessoas desenvolvem muitos papéis e muitos contra-papéis durante a vida, sendo uma contínua interação. Essa constante aprendizagem de novos papéis ocorre desde o ensaio do novo papel, seu desempenho, a percepção que se tem dele até a representação (MORENO, 1978).

No ensino superior o aluno passa a ser visto como ativo, participativo, autônomo e independente e está proposta de papel é aprimorada a partir da construção da identidade pessoal (OLIVEIRA, 2011).

Nos depoimentos é possível perceber diferentes entendimentos quanto ao papel de estudante. Neste contexto, ou seja, na educação superior, o papel de aluno se altera, pois agora ele pode ser reconhecido como um indivíduo capaz de construir conhecimento (FARIAS, 2009). Isso pode ser entendido como o envolvimento do aluno enquanto indivíduo mais atuante, ativo, podendo participar das decisões, da criatividade e da interação com a sala. Conforme o depoimento dos alunos “por enquanto nenhum” (D6); “não sei!” (D7); “eu acho que a gente tem que fazer por merecer, estar aqui” (D4); “o clichê de sempre, se dedicar, fazer o que é pedido” (D2); “conseguir boas notas, aprender, desempenhar um bom papel entre os meus colegas, creio que são esses” (D8).

“Me sinto um pouco de mãos atadas. Assim, ao mesmo tempo que eu me sinto livre para explorar muito conteúdo, muita coisa nova, é incrível. Eu me sinto também um pouco pressionada. (...) Eu não consigo! Sabe? Eu não consigo! Eu perco a paciência. É meio frustrante, eu me sinto frustrada como aluna” (D5).

“Eu acho que devo estudar muito, não estudar muito, acho que eu realmente tenho que é reter bastante do conteúdo porque é uma área que eu vou seguir” (D9).

Antes da entrevista bipessoal semiestruturada gravada, foi realizado o aquecimento, com o intuito de estimular a criatividade, a espontaneidade e desenvolve a coesão nos participantes (ROJAS-BERMÚDEZ, 1980). Nesta etapa foi aplicada individualmente, a dinâmica dos papéis, sendo ela produzida a partir dos papéis sociais do diagrama dos papéis de Moreno (1978). Foi pedido para que cada participante descrevesse os cinco principais papéis sociais desempenhados, caso executasse muito deveria pintar 3 pétalas internas, caso fosse parcialmente pintaria 2 pétalas e se executasse pouco pintaria apenas uma delas. Segundo Moreno (1978) os papéis sociais desenvolvem-se posteriormente aos papéis psicodramáticos, estabelecendo a ruptura entre fantasia e realidade, assim, o que até então estava unido começa a se diferenciar.

As relações sociais na matriz da identidade constroem o desempenho dos papéis. Para Moreno (1978) e Neves (2008), a criança quando ainda não percebe a distinção entre o seu eu e o seu ego auxiliar que é a mãe, está vivenciando a sociedade na mãe.

Para melhor compreensão é possível visualizar a tabela 3, o resultado de cada participante no aquecimento, sendo possível verificar o trabalho executado na íntegra no apêndice D.

**Tabela 3 -Resultado do aquecimento.**

Dinâmica baseada no diagrama de papéis		
Código	Papel social	Atuação
D1	Militante Estudante Irmã Filha Namorada	Muito Parcialmente Parcialmente Pouco Muito
D2	Filha Cidadã Ouvinte Estudante x	Parcialmente Pouco Muito Parcialmente x
D3	Filha Estudante Amiga x x	Muito Parcialmente Muito x x
D4	Filha Amiga Estudante Irmã Funcionária	Parcialmente Parcialmente Muito Muito Muito
D5	Família Casa Faculdade Crença Amigos	Parcialmente Parcialmente Pouco Pouco Parcialmente
D6	Fumante Filho caçula Pseudoescritor Estudante de Psicologia x	Muito Pouco Pouco Pouco x
D7	Filha	Parcialmente

	Estudante Namorada Amiga x	Parcialmente Muito Muito x
D8	Filho Trabalhador Religioso Namorado Estudante	Pouco Muito Parcialmente Pouco Parcialmente
D9	Amigo Estudante Trabalho Namoro Família	Muito Parcialmente Parcialmente Pouco Pouco

Fonte: Os autores (2021)

Com base na entrevista bipessoal e no aquecimento, foi possível perceber que dos 9 entrevistados, apenas 1 considera-se muito atuante na dinâmica dos papéis e durante a entrevista quando perguntado qual o seu papel como aluna relata

“Eu acho que a gente tem fazer por merecer, estar aqui. E fazer valer a pena o que a gente aprende, o que agente ta vendo aqui, para que daqui, no meu caso 4 anos e meio a gente leve o título da faculdade fora daqui. Vou ser uma profissional e eu preciso saber, preciso me dedicar e ser uma estudante mesmo para daqui 5 anos ser uma boa Psicóloga, vou levar comigo o nome da Faculdade” (D4).

Muitos participantes tiveram dificuldade em estabelecer os cinco principais papéis sociais que exercem atualmente, precisando muitas vezes do auxílio, pois não sabiam nem ao menos o que era um papel social, além disso nem todos conseguiram pensar em cinco papéis, reproduzindo muitas vezes os exemplos dados pela pesquisadora. Os alunos estão no segundo período da graduação, portanto, segundo a grade curricular já iniciaram conteúdos que trazem estas informações acerca do tema. Segundo Bock, Furtado e Teixeira (1999) o papel social pode ser entendido como um conjunto de posições sociais, com normas, direitos, deveres, comportamentos individuais e coletivos, que podem ser herdados ou conquistados, surgindo através da interação. Muitos alunos tiveram dificuldade em identificar seus papéis sociais, como o de filha, de estudante e até de irmão, como pode ser visto nos depoimentos: “como assim papel social?” (D4); “que tipo?” (D2); “não sei. Você pode citar algum?” (D7); “papel social? Não sei! É! Pode me exemplificar?” (D9).

#### **IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O levantamento de dados confrontados com as perspectivas teóricas pode identificar a percepção dos alunos quanto ao processo de escolha do curso de Psicologia e a adaptação ao ensino superior.

No momento da entrada na vida acadêmica, o estudante experiencia vários desafios originários das questões psicológicas que são inerentes à transição da adolescência para a vida adulta e os resultados obtidos confirmam a complexidade de variáveis que influenciam na escolha profissional e na sua adaptação a esta nova etapa, o que requer uma orientação adequada ao adolescente.

Pode-se aferir que muitas dessas pessoas, por uma consequência do que é imposto à cultura de nossa sociedade, determina que para o sucesso pessoal o indivíduo tenha que cursar uma graduação e inconscientemente acreditam plenamente neste conceito como uma verdade.

Afinal de contas o que é a profissão? O aluno terá de se enquadrar no mercado de trabalho diante de todas essas formações universitárias realizadas, podendo muitas vezes não dar conta do que quer fazer. Como explorar seu potencial criativo para demandas que tem afinidade?

O processo científico nem sempre terá respostas, mas sim uma constante de indagações, sugestões e diante das teorias analisadas muitas questões vieram à tona para reflexões que não cabem a uma monografia de graduação, por conta do pouco tempo de pesquisa, mas fui instigada a pensar e desejar a continuidade do tema em um Mestrado, pois a educação e a psicologia escolar estão em constante transformação e infelizmente ainda existem poucos artigos publicados quanto ao tema, principalmente com um olhar da Psicologia.

A metodologia de pesquisa permitiu a realização de um “diagnóstico” da situação da adaptação acadêmica de alguns alunos e por isso fica claro, mesmo havendo um percentual pequeno de entrevistas, que as inseguranças, as expectativas, as escolhas e a identidade pessoal são subjetivas, e cada indivíduo irá construí-la conforme seu meio familiar e social interagem. É uma pena que as Instituições governamentais não dão a devida importância ao psicólogo escolar, pois é possível perceber nas escolas privadas que o profissional orientador vocacional contribui de forma significativa aos alunos. O que deve haver é um apoio mais intenso das Instituições de ensino médio quanto a projetos focados no mercado de trabalho, na orientação profissional e na vida acadêmica. Quanto ao ensino superior, pode ser sugerido programas de intervenções que possam facilitar a

adaptação acadêmica minimizando o impacto educacional e relacional, por isso é importante que haja um Núcleo de Apoio ativo que insira estes projetos aos alunos independente do curso.

## REFERÊNCIAS

- [1]. ALMEIDA, L. S. Transição, adaptação acadêmica êxito escolar no ensino superior. **Revista Galeco-Portuguesa de Psicologia e Educação**, v.15, n.2, p.203-215, 2007.
- [2]. ALMEIDA, L. *et al.* Democratização do acesso e do sucesso no ensino superior uma reflexão a partir das realidades de Portugal e do Brasil. **Revista Avaliação**, v.17, n.3, p.899-920, 2012.
- [3]. ALMEIDA, M. E. G. G.; PINHO, L. V. Adolescência, família e escolhas: implicações na orientação profissional. **Revista Psicologia Clínica**, v.20, n.2, p.173-184, 2008.
- [4]. ALMEIDA, T. O.; ARAUJO, T. T. A importância da orientação vocacional e profissional. **Revista Psicologia em Destaque**, v.1, n.1, p.81-85, 2011.
- [5]. AZEVEDO, J. C.; REIS, J. T. **O Ensino médio e os desafios da experiência: movimentos da prática**. São Paulo: Moderna, 2014.
- [6]. BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Rio de Janeiro: Edições 70, 2011.
- [7]. BERNARDO, M. A. B. **Desafios da educação superior na atualidade: trajetórias docentes**. 209f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2006.
- [8]. BOCK, A. M.B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. 13ed. São Paulo: Saraiva, 1999.
- [9]. BOHOSLAVSKY, R. **Orientação vocacional: a estratégia clínica**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- [10]. BRUM, E. H. M. *et al.* Adaptação acadêmica dos alunos da psicologia do Cesuca ao ensino superior: uma proposta de avaliação e intervenção. **Revista Científica do Cesuca**, v.1, n.7, p.01-15, 2013.
- [11]. BRUSAMARELLO, T. *et al.* Consumo de drogas: concepções de familiares de estudantes em idade escolar. **Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas**, v.4, n.1, s/p, 2008.
- [12]. COSTA, E. S.; LEAL, I. Um olhar sobre a saúde psicológica dos estudantes do ensino superior - Avaliar para interferir. In: **CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA DA SAÚDE**, 7, 2008, Porto. *Anais*. Porto: ACTAS, 2008. p.213.
- [13]. CUNHA, S. M.; CARRILHO, D. M. O processo de adaptação ao ensino superior e o rendimento acadêmico. **Revista Psicologia Escolar e Educacional**, v.9, n.2, p.215-224, 2005.
- [14]. DINIZ, A. M. ALMEIDA, L. S. Adaptação à Universidade em estudantes do primeiro ano: estudo diacrônico da interação entre o relacionamento com pares, o bem estar pessoal e o equilíbrio emocional. **Revista Análise Psicológica**, v.1, n.24, p.29-38, 2006.
- [15]. FAGUNDES, C. V. Transição Ensino Médio-Educação Superior: qualidade no processo educativo. **Revista Educação por escrito**, v.3, n.1, p.62-73, 2012.
- [16]. FARIAS, I. M. S. **Didática e docência: aprendendo a profissão**. 2ed. Brasília: Líber livro, 2009.
- [17]. FILIZATTI, R. O desafio da escolha profissional. **Revista Psico - USF**, v.8, n.1, p.93-94, 2003.
- [18]. FONSECA, R. C. V. **Metodologia do trabalho científico**. Curitiba: Iesde, 2007.
- [19]. FRANCO, A. P. Ensino Superior no Brasil: cenário, avanços e contradições. **Jornal de Políticas educacionais**, v.1, n.4, p.53-63, 2008.
- [20]. FREITAS, H. C. N. M.; RAPOSO, N. A. V.; ALMEIDA, L. S. Adaptação do estudante ao ensino superior e rendimento acadêmico: um estudo com estudantes do primeiro ano de enfermagem. **Revista Portuguesa de pedagogia**, v.41, n.1, p.179-188, 2007.
- [21]. FILIZATTI, R. O desafio da escolha profissional. **Revista Psico - USF**, v.8, n.1, p.93-94, 2003.
- [22]. GOMES, M. J. *et al.* Evasão acadêmica no ensino superior: estudo na área da saúde. **Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde**, v. 12, n.1, p.6-13, 2010.
- [23]. GONZAGA, L. R. V. **Relação entre vocação, escolha profissional e nível de stress**. 2011. 105f. Dissertação (Mestrado em Psicologia como profissão e ciência) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2011.
- [24]. IGUE, E. A.; BARIANI, I. C. D.; MILANESI, P. V. B. Vivência acadêmica e expectativas de universitários ingressantes e concluintes. **Revista Psico-USF**, v.13, v.2, p.155-164, 2008.
- [25]. JUNQUEIRA, M. L. **Maturidade para a escolha da carreira em adolescentes de um serviço de orientação profissional**. 215f. Dissertação (Mestrado em Ciências) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP. Ribeirão Preto, 2010.
- [26]. LOURENÇO, S.; SANTOS, T. B. F. O processo de escolha e autoconhecimento rumo a profissão. In: **AMOSTRA ACADÊMICA UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA**, 5, 2007. São Paulo. *Anais*. Piracicaba: UNIMEP, 2007, p.1.
- [27]. MOGNON, J. F.; SANTOS, A. A. A. Relação entre vivência e os indicadores de desenvolvimento de carreira em universitários. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v.14, n.2, p.227-237, 2013.
- [28]. MORENO, J. L. **Psicodrama**. São Paulo: Cultrix, 1978.
- [29]. MORETTO, C. F.; AGUIRRE, B. M. B. **Ensino superior, escolha e racionalidade: os processos de decisão dos universitários do município de São Paulo**. 2002. 201f. Tese (Doutorado em teoria econômica) - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- [30]. MORETTO, C. F. Os processos de decisão no ensino superior: algumas evidências para os universitários do município de São Paulo. **Revista Economia Contemporânea**, v.8, n.1, p.183-209, 2004.
- [31]. NEIVA, K. M. C. **Processos de escolha e orientação profissional**. 2ed. São Paulo: Vetor, 2013.
- [32]. NEPOMUCENO, R. F.; WITTER, G. R. Influência da família na decisão profissional: opinião de adolescentes. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, v.14, n.1, p.15-22, 2010.
- [33]. NEVES, S. M. **Os papéis sociais e a cidadania**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008.
- [34]. OLIVEIRA, P. W. S. Construção de identidades profissionais: da formação profissional à vivência da inserção no mercado de trabalho. **Revista Labor**, v.1, n.6, p.345-362, 2011.
- [35]. OLIVEIRA, W. A.; SILVA, J. L.; NETO, W. M. F. S. A escolha profissional na adolescência: motivações e apontamentos para a atuação em psicopedagogia. In: **CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO**, 9, 2009. *Anais*. Curitiba: EDUCERE, 2009, p.9297
- [36]. RODRIGUES, A. C. L.; BORMIO, S. N. G. Escolha profissional: tarefa complexa na adolescência? In: **SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**, 2, 2008. São Paulo. *Anais* (recurso eletrônico). Bauru: USC, 2008, s/p.
- [37]. ROJAS-BERMÚDEZ, J. G. **Introdução ao psicodrama**. 3ed. São Paulo: Mestre Jou, 1980.
- [38]. SANTOS, A. A. *et al.* Integração ao Ensino Superior e satisfação acadêmica em Universitários. **Revista Psicologia, ciência e profissão**, v.33, n.4, p.780-793, 2013.

- [39]. SILVA JUNIOR, J. R.; LUCENA, C.; FERREIRA, L. R. As relações entre o ensino médio e a educação superior no Brasil: profissionalização e privatização. **Revista Educação e Sociedade**, v.32, n.116, p.839-856, 2011.
- [40]. SILVA, N. A.; VALÉRIO, N. I. Psicodrama e escolha profissional: relato de experiência. **Revista Conexão eletrônica**, v.12, n.1, s/p, 2015.
- [41]. SOARES, A. B. *et. al.* O impacto das expectativas na adaptação acadêmica dos estudantes no Ensino Superior. **Revista Psico-USF**, v.19, n.1, p.48-60, 2014.
- [42]. SOARES, A. B.; MOURÃO, L.; MELLO, T. V. S. Estudo para a construção de um instrumento de comportamentos acadêmicos-sociais para estudantes universitários. **Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v.11, n.2, p.488-506, 2011.
- [43]. SOUZA, S. G. Processos de escolha e orientação profissional: uma reflexão teórica e prática. **Revista Avaliação psicológica**, v.6, n.2, p.275-276, 2007.
- [44]. SOUZA, M. F.; SOUZA, R. L. O processo de escolha da área de atuação pelo graduando de Psicologia. **Revista Kaleidoscópio**, v.3, s/n, p.36-58, 2012.
- [45]. SHAFFER, D. **Psicologia do desenvolvimento: infância e adolescência**. 8ed. São Paulo: Cengage Learning, 2012.
- [46]. SCHOEN-FERREIRA, T. H.; AZNAR-FARIAS, M.; SILVARES, E. F. M. A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório. **Revista Estudos de Psicologia**, v.8, n.1, p.107-115, 2003.
- [47]. SCHOEN-FERREIRA, T. H.; SILVARES, E. F. M. Adolescência através dos Séculos. **Revista Psicologia: teoria e pesquisa**. V.26, n.2, p.227-234, 2011.
- [48]. TAVARES, D. M. **Adaptação ao Ensino Superior e Otimismo em Estudantes do 1º ano**. 2012. 82f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde) - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Fernando Pessoa. Porto, 2012.
- [49]. TEIXEIRA, M. A. P.; CASTRO, G. D.; PICCOLO, L. R. Adaptação à Universidade em estudantes universitários: um estudo correlacional. **Revista Interação em Psicologia**, v.11, n.2, p.211-220, 2007.
- [50]. WOLF, A. **Does education matter? Myths about education and a economic growth**. London: Penguin, 2002.